



A valência genérica das cartas trocadas entre Mário de Andrade e Carlos Drummond: uma inter-relação com a embreagem paratópica

The generic valence of the letters exchanged between Mário de Andrade and Carlos Drummond: an inter-relation with the Paratopic Clutch

Manuel VERONEZ*

RESUMO: O objetivo dessa pesquisa¹ foi analisar a coletânea das cartas completas trocadas entre Mário de Andrade e Carlos Drummond de Andrade, publicada pela Editora Bem-Te-Vi (2002), sob à luz da teoria da valência genérica proposta por Maingueneau (2015). A metodologia mobilizada teve o intuito de verificar os modos pelos quais se estabelece o imbricamento e a inter-relação entre a valência genérica (interna e externa), a cena genérica e a embreagem paratópica. Diante disso, a hipótese levantada foi de que há uma inter-relação entre a valência genérica, a cena genérica e a embreagem paratópica, o que pode confirmar a efetividade da postulação de que a cena genérica (o gênero do discurso) funciona também como um embreante paratópico. Desse modo, após as análises, foi possível afirmar, enquanto resultado, que a coletânea em questão (cena genérica), por meio de suas valências genéricas interna e externa, embrea paratopicamente as condições de autores/produtores/escritores dos Andrades sobre suas práticas discursivas específicas de troca de cartas. Nessa perspectiva, portanto, concluiu-se que a hipótese pode ser sustentada.

PALAVRAS-CHAVE: Valência genérica. Cena genérica. Embreagem paratópica. Cartas. Mário e Drummond.

ABSTRACT: The objective of this research was to analyze the collection of complete letters exchanged between Mário de Andrade and Carlos Drummond de Andrade, published by Editora Bem-Te-Vi (2002), in the light of the theory of generic valence proposed by Maingueneau (2015). The methodology mobilized aimed to verify the ways in which the overlap and interrelationship between the generic valence (internal and external), the generic scene and the paratopic clutch is established. Given this, the hypothesis raised was that there is an interrelationship between the generic valence, the generic scene and the paratopic clutch, which can confirm the effectiveness of the postulation that the generic scene (the speech genre) also functions as a paratopic clutch. Thus, after the analyses, it was possible to affirm, as a

* Doutor em Estudos Linguísticos pela Universidade Federal de Uberlândia (UFU). Professor do Departamento de Letras da Universidade do Estado de Minas Gerais (UEMG), Unidade Divinópolis. veronezmanuel@gmail.com

¹ Esse artigo é fruto de uma pesquisa fomentada pelo Edital 02/2022 - Programa de Bolsas de Produtividade em Pesquisa (PQ) da PROPPG da Universidade do Estado de Minas Gerais (UEMG), a qual agradeço.

result, that the collection in question (generic scene), through its internal and external generic valences, paratopically encompasses the conditions of Andrades authors/producers/writers regarding their discursive practices. specific exchange of letters. From this perspective, therefore, it was concluded that the hypothesis can be supported.

KEYWORDS: Generic valence. Generic scene. Paratopic clutch. Letters. Mario and Drummond.

Artigo recebido em: 08.07.2024

Artigo aprovado em: 27.08.2024

1 Introdução

A presente investigação se apoia nas teorias da análise do discurso de linha francesa, especialmente os enfoques alvitados por Dominique Maingueneau (2010, 2012, 2015). Desse modo, doravante as noções de embreagem paratópica; cena genérica; e, particularmente, valência genérica é que proporemos prismas possíveis de investigação para as cartas íntimas trocadas entre Mário de Andrade e Carlos Drummond de Andrade. Assim sendo, vale realçar que esses novos prismas advêm dos resultados logrados pelo autor deste artigo em suas pesquisas de doutorado (2018) e pós-doutorado (2020)².

Dessa maneira, para que a investigação proposta no referido livro do autor deste artigo (Veronez, 2022) fosse realizada, foi necessário efetuar um deslocamento no que se refere a uma conjectura de Maingueneau publicada no livro *Doze conceitos em Análise do Discurso* (2010), em seu capítulo “Hipergênero, gênero e internet”. Neste capítulo, Maingueneau (2010, p. 130-131) declara que a carta (sem especificar qual tipo: se íntima, se pública, se administrativa etc.), assim como outras estirpes (tal qual o diálogo e o diário), não é reputada como um gênero do discurso, definido enquanto “dispositivos de comunicação sócio-historicamente condicionados, que estão sempre mudando e aos quais podem ser facilmente aplicadas metáforas como ‘contrato’, ‘ritual’ e ‘jogo’”.

² As duas pesquisas em questão foram reconfiguradas e transformadas em um livro (Veronez, 2022), publicado pela Editora da Associação Brasileira de Linguística (Abralín).

Consoante o autor francês, a carta estaria categorizada como um hipergênero, pois não está condicionada às contenções sócio-históricas, abrangendo somente uma ampla fração de textos e sendo capaz de ser empregada no decurso de largas épocas e em inúmeras pátrias. Dessa forma, as continências sócio-históricas que se instituem sobre a carta, salienta Maingueneau (2010), são deveras pobres/fracas.

Porém, se presumirmos a carta na qualidade de uma prática discursiva de identidades criadoras importantes dos campos discursivos nos quais os discursos são tomados como constituintes (Maingueneau, 2012), como o literário, o religioso, o científico e o filosófico, existiria a perspectiva de pressupormos a carta enquanto um gênero do discurso, já definido alhures, e não como um hipergênero: o qual pressupõe que as limitações que se instauram sobre a carta são de sentido exclusivamente material. Nesse sentido, com base nessas conjunturas deliberadas, a carta de autores consagrados, por exemplo, passaria a assumir o aspecto de uma cena genérica e, posto isto, de uma categoria enunciativa na qual legitimaria e constituiria posicionamentos discursivos.

Assim, fundamentado nesse deslocamento realizado e apresentado acima, bem como nas considerações estabelecidas ainda no referido livro do autor deste artigo, duas hipóteses foram tratadas³:

Nas condições definidas neste livro, uma de nossas hipóteses centrais é de que as cartas privadas de Mário, Drummond, Freud, Sêneca e John Wesley conseguem assumir a configuração de uma cena genérica (gênero do discurso) e da instância enunciativa legitimadora dos posicionamentos específicos (modernismo, psicanálise, estoicismo e metodismo). Há a hipótese de que as cartas privadas desses autores, enquanto cena genérica, funcionam como um embreante paratópico, por meio do qual se constituem tanto os posicionamentos específicos de tais sujeitos, quanto suas identidades criadoras e produções dos espaços canônico e associado (Veronez, 2022, p. 24-25).

³ Vale ressaltar que tal pesquisa não encontra uma bibliografia vasta, sendo o autor deste artigo o único, até o momento, a trabalhar com esse tema. É por essa razão que há uma certa citação exacerbada do autor em questão, não havendo, assim, a possibilidade de diálogo com outros autores que trabalham com a temática para além de Dominique Maingueneau, pois, como dito, não o há.

Em seguida, três objetivos foram propostos com o intuito de verificar a possibilidade ou não de sustentação das hipóteses:

i) analisar como ocorre o imbricamento das três instâncias constitutivas do funcionamento da autoria (pessoa, escritor e inscridor) nas cartas privadas de Mário, Drummond, Freud, Sêneca e John Wesley; ii) verificar como se constitui a paratopia nessas missivas; e iii) observar a emergência das cenografias construídas nas referidas epístolas⁴. Pretendemos, pois, constatar como cada autor gere suas identidades criadoras, produções do espaço canônico e associado e posicionamentos no interior dos respectivos campos discursivos em que estão inscritos (Veronez, 2022, p. 25).

Adiante, após as apresentações da perspectiva teórica, da metodologia e das análises das cartas privadas propriamente, chegou-se ao resultado de que as cartas privadas dos autores consagrados supracitados dos campos literário (Mário e Drummond), filosófico (Sêneca), científico (Freud) e religioso (John Wesley) funcionam como um gênero do discurso (uma cena genérica) e como embreantes paratópicos, pois:

Nesse íterim, sustentamos que as cartas privadas de Mário, Drummond, Freud, Sêneca e John Wesley funcionam como um gênero do discurso e uma cena genérica, pois ancoram uma prática discursiva para legitimar os posicionamentos modernista, psicanalista, estoico e metodista, respectivamente, as identidades criadoras e as produções dos espaços canônico e associado dos autores supramencionado nos campos discursivos em que eles se circunscrevem. Constatamos, pois, que o texto se apresenta como forma de gestão do seu contexto nas correspondências analisadas. (...) Dessa maneira, as cartas privadas funcionam como embreantes paratópicos, por estarem além da ideia de carta íntima, na medida em que instauram posicionamentos e gerem as relações entre os integrantes das comunidades discursivas

⁴ Não apresentaremos neste artigo as noções de produção do espaço canônico e associado de um autor; funcionamento da autoria; e cenografia, por não ser o foco da presente pesquisa. Caso o leitor se interesse por tais noções ou queira se aprofundar, conferir a obra *Discurso Literário* (2012) de Dominique Maingueneau.

em questão. Nesse sentido, elas não se restringem a rotinas genéricas, pois, ao mesmo tempo em que Mário, Drummond, Freud, Sêneca e John Wesley falam de si, eles abordam seus grupos modernistas brasileiros, de psicanalistas europeus, dos estoicos romanos e dos metodistas ingleses, respectivamente (Veronez, 2022, p. 139-140).

Nesse sentido, a partir dos resultados alcançados e apresentados no livro em questão (Veronez, 2022), as outras perspectivas possíveis de pesquisa às quais propomos para a atual investigação representada neste artigo, é, em termos de objetivo, analisar a coletânea das cartas completas trocadas entre Mário de Andrade e Carlos Drummond de Andrade, publicada pela Editora Bem-Te-Vi (2002), com o intuito de verificar os modos pelos quais se dá o imbricamento e a inter-relação entre a valência genérica (interna e externa), a cena genérica e a embreagem paratópica.

Desse modo, nossa hipótese central é de que há uma inter-relação entre a valência genérica, a cena genérica e a embreagem paratópica, sendo capaz, assim, de confirmarmos e reforçarmos a regularidade da nossa conjectura (cf. Veronez, 2022) de que a cena genérica opera também como um embreante paratópico, consoante a cenografia, o *ethos* e o posicionamento na interlíngua propostos por Maingueneau (2012).

A seguir, apresentaremos, concomitantemente, a teorização e o *corpus* de análise, com o propósito de verificar as sustentações, ou não, de nossa hipótese e de nosso objetivo. Tais questões, nesse sentido, serão examinadas a partir da noção de valência genérica do gênero do discurso (Maingueneau, 2015) ou, ainda, precisamente, a partir da valência genérica das cartas trocadas entre Mário de Andrade e Carlos Drummond de Andrade (Andrade, 2002).

2 Do gênero do discurso à valência genérica

De acordo com Maingueneau (2015, p. 70), na obra *Discurso e Análise do Discurso*, a história de uma sociedade pode ser estabelecida, em certa medida, a partir dos gêneros de discurso que nela circulam, se legitimam e se constituem: “em dado

momento, cada um de seus setores pode ser caracterizado pela forma pela qual a fala é ali gerida”. Dessa forma, é possível observar as mudanças sociais por meio do exame da emergência, do desaparecimento e/ou da marginalização dos gêneros de discurso.

Como exemplo, o autor apresenta a transformação de um gênero a outro: anúncios matrimoniais antes publicados na imprensa escrita que agora são publicados em sites de relacionamento na internet. Segundo Maingueneau (2015), não se trata apenas de uma (re)organização técnica, isso implica consideráveis remodelamentos sociais e institucionais: o estatuto de casal na sociedade muda; há o desaparecimento das agências matrimoniais; perde-se a distinção entre o público e o privado; etc.

Em relação ao nosso *corpus*, podemos afirmar que, aquilo que era da ordem do privado e da apresentação de certas informações pessoais e/ou familiares, passa-se para a ordem do público mais geral possível, sendo passível de mobilizações variadas - estudos, pesquisas, leituras despreziosas etc. - como é o caso das cartas íntimas de autores consagrados de determinados campos discursivos transformadas em coletâneas publicadas por editoras, a exemplo das cartas privadas trocadas entre Mário de Andrade e Carlos Drummond de Andrade, autores consagrados do campo literário brasileiro do início do século XX, publicadas em forma de coletânea pela Editora Bem-Te-Vi (2002).

Dessa forma, observando o nosso *corpus* de análise, o remodelamento social e institucional também acontece para além de uma mera (re)organização técnica. O estatuto das cartas privadas trocadas entre os Andrades mudaram: i) passaram-se a fontes de consulta pública de inúmeras ordens; ii) essas cartas íntimas se tornaram, em certa medida, instâncias enunciativas legitimadoras do discurso literário modernista brasileiro, não sendo mais apenas uma troca epistolar particular entre remetente e destinatário específicos; iii) se tornaram também práticas discursivas legitimadoras e constituidoras dos posicionamentos de Mário e Drummond no interior do campo literário brasileiro do início do século XX; e iv) puderam ser consideradas um gênero do discurso (uma cena genérica) e não um hipergênero (cf. Veronez, 2022).

Contudo, é importante ressaltar que não são todas as cartas íntimas de quaisquer indivíduos que se transformam em coletâneas para o acesso público. Normalmente, as escolhas são feitas por especialistas e críticos da área que, de uma certa maneira, são autorizados a realizar tal feito. Além disso, o mais comum é uma inclinação às cartas íntimas de sujeitos nacional e/ou internacionalmente reconhecidos pela sociedade, o que nos leva à possibilidade de supor que as cartas de Mário e Drummond transformadas em coletânea podem funcionar como um gênero do discurso que embrea paratopicamente os posicionamentos modernistas específicos desses dois autores sobre suas próprias condições de produção e autoria.

Assim, de acordo com Maingueneau (2012), a embreagem paratópica seriam os elementos de múltiplas diretrizes que participam, ao mesmo tempo, do mundo fundado pela obra e da conjuntura paratópica do autor, algo considerado como condição e produto da criação literária. Nessa perspectiva, procuraremos mostrar esses elementos que interligam texto e contexto - enunciados e suas condições de enunciação - e integrá-los à valência genérica das cartas dos Andrades encaradas como cena genérica.

Nesse sentido, Maingueneau (2015) acrescenta que não se pode estudar o gênero de discurso por si mesmo se o intuito é compreender o seu papel em determinada configuração histórica. É preciso considerar, fundamentalmente, a sua valência genérica a qual se apresenta em duas perspectivas: a valência genérica interna; e a valência genérica externa.

3 A valência genérica interna: teorização e análise do *corpus*

Conforme define o autor, a valência genérica interna de um gênero de discurso é “o conjunto dos modos de existência comunicacional de um texto, que são historicamente variáveis” (Maingueneau, 2015, p. 71). Como exemplo, o autor apresenta o sermão e a homilia, gêneros típicos do discurso religioso mobilizados na França dos séculos XVII e XVIII e na França atual (século XXI). Segundo Maingueneau

(2015), na França dos séculos XVII e XVIII, o sermão durava mais de uma hora e a homilia era um episódio específico da missa; o sermão se configurava, inicialmente, como um texto manuscrito elaborado pelo pregador, depois se configurava numa apresentação oral realizada na missa; cópias do sermão circulavam (com o enunciado variando ora com modificações ora o original) e o pregador tinha um relativo controle dessa circulação.

Já em relação à França do século XXI, por exemplo, há a possibilidade de a preleção da homilia ser apresentada em um programa de televisão, como o *Le jour du Seigneur* transmitido pelo canal *France 2*. Desse modo, de acordo com Maingueneau (2015), a homilia contemporânea se configura em vários aspectos: um texto digitado em um processador de texto e copiado em uma impressora; uma apresentação oral no interior de uma missa para o público presente no programa; um programa de televisão para os telespectadores; um vídeo que fica hospedado temporariamente no site do canal de televisão, podendo ser visto posteriormente; e um texto escrito que fica arquivado no site do canal, podendo ser lido diretamente na tela ou impresso.

Ademais, Maingueneau pondera:

Assim, enquanto, para o sermão da época clássica, é a estabilidade do texto, sua letra que é problemática, (ela varia segundo se trate de um manuscrito original, de uma apresentação oral, de uma cópia, de uma publicação), no sermão televisionado contemporâneo, problemático é, sobretudo, seu regime semiótico: a letra permanece estável, mas não a encenação da enunciação (Maingueneau, 2015, p. 71).

Desse modo, observando as cartas privadas trocadas entre Mário de Andrade e Carlos Drummond de Andrade, caracterizamos o seguinte quadro de valência genérica interna: i) as cartas foram redigidas, inicialmente, de modo manual e/ou datilografadas pelos escritores em evidência, sendo o seu período de produção (sua configuração histórica) entre 1924 e 1945; ii) essas cartas foram digitalizadas e catalogadas para leituras, pesquisas, conferências etc. pelo Instituto de Estudos Brasileiros (IEB) da Universidade de São Paulo (USP). O IEB foi criado em 1962 por

Sérgio Buarque de Holanda; e iii) essas cartas foram editadas em coletâneas e postas em circulação como obra, tendo uma editora como legitimadora dessa produção, como o caso do nosso *corpus* de análise: a coletânea elaborada pela Editora Bem-Te-Vi e publicada em 2002.

Esses três pontos que configuram o quadro da valência genérica interna das cartas privadas trocadas entre os Andrades, apresentado alhures, parecem funcionar como elementos que buscam estabelecer uma conexão com a noção de embreagem paratópica (Maingueneau, 2012). Segundo o autor francês, reforçando, a embreagem paratópica seria “elementos de variadas ordens que participam simultaneamente do mundo representado pela obra e da situação paratópica através da qual se institui o autor que constrói esse mundo” (Maingueneau, 2012, p.121). Complementando, para o referido autor, seria “uma espécie de embreagem do texto sobre suas condições de enunciação e, em primeiro lugar, sobre a paratopia que é seu motor”⁵.

Nesse sentido, o que se determina em i, ii e iii, respectivamente, no interior do quadro da valência genérica interna das cartas dos Andrades, isto é, os gestos de produzir as cartas (i); arquivá-las para consultas (ii); e transformá-las em obra por meio de uma coletânea (iii), parece convergir em um tipo de ancoragem (embreagem), na medida em que esses modos de existência comunicacional dessas cartas supõem estabelecer: a) a constituição e a legitimação das identidades criadoras dos autores em questão (sempre paratópicas, ou seja, em uma difícil negociação de inscrição na sociedade e no espaço literário que os circunscrevem); b) a constituição e a legitimação de seus posicionamentos modernistas no interior do campo literário brasileiro do início do século XX; e c) a legitimação e a constituição de suas produções do espaço canônico (poemas, romances, contos etc.) e do espaço associado (as próprias cartas, os manifestos, as entrevistas etc.).

⁵ É importante ressaltar que Maingueneau (2012, p.121) toma emprestado da linguística o termo embreagem, definido como aquilo que “inscreve no enunciado sua relação com a situação de enunciação”. A embreagem, segundo o autor, mobiliza elementos que participam da língua e do mundo, adquirindo valores por meio da enunciação que os produz.

Em outras palavras, a valência genérica interna aqui estabelecida parece embrear paratopicamente texto e contexto (enunciado e suas condições de enunciação) sobre os seguintes elementos: 1) a produção das cartas propriamente e a busca de estabelecer, a partir delas, a construção de um possível modernismo brasileiro; 2) a possibilidade de considerar essa troca de cartas como uma prática discursiva capaz de legitimar e constituir, de modo geral, os posicionamentos modernistas e paratópicos dos Andrades no interior do discurso literário modernista brasileiro do início do século XX; e 3) a possibilidade de também considerar essas cartas como um material de consulta relevante para pesquisas, estudos, leituras despreziosas etc. (seja pela coletânea ou pelos arquivos do IEB), o que mostraria ainda a importância do material em si e dos autores em questão para o campo literário brasileiro, bem como reforçaria o reconhecimento de Mário e Drummond enquanto autores consagrados desse mesmo campo.

Ainda sobre a valência genérica interna, Maingueneau (2015) destaca que é preciso refiná-la. Dessa forma, ele propõe uma distinção entre o núcleo e seus avatares, os quais podem ser de diversos tipos: por exemplo, a apresentação oral do sermão constituiria o núcleo da valência genérica interna, enquanto as cópias desse sermão seriam seus avatares.

No que tange ao nosso *corpus* de análise, o núcleo da valência genérica interna dessas cartas seria a permuta epistolar, factual e concreta entre Mário de Andrade e Carlos Drummond de Andrade até então numa correspondência confidencial e reservada: os Andrades insculpiram as cartas, inseriram-nas em um sobrescrito adequado com suas assinaturas e endereçamentos (na qualidade de remetentes e destinatários), timbraram-nas e estampilharam-nas em conformidade com a prática dos correios.

Entretanto, como essas cartas “primeiras”/“originais” se encontram, atualmente, sob o domínio do IEB, pode-se considerá-las, nessas circunstâncias, como um avatar possível, pois mesmo sendo as “originais”, estão sendo arquivadas como

documentos de domínio público e sendo postas a circular em outros lugares sociais e em diferentes mídiuns (na tela do computador, em arquivos de biblioteca etc.). Outro avatar possível é encontrar essas cartas privadas compiladas e reunidas em coletâneas (como é o caso do nosso *corpus*), em uma obra de divulgação cultural e/ou científica, não mais de caráter intimista e particular, mas como obra de caráter público, disponível a toda sociedade (claro que levando em conta algumas questões, como autorizações de acesso e/ou de uso).

4 A valência genérica externa: teorização e análise do *corpus*

No que se refere à valência genérica externa do gênero do discurso, Maingueneau (2015, p.73) afirma ser “a(s) rede(s) de gêneros de discurso de que faz parte um gênero em uma mesma esfera ou lugar de atividade. Estas redes são de tipos diversos, em função do ponto de vista escolhido”. Além disso, para o autor, a relação entre um determinado gênero de discurso e suas redes genéricas se dá mediante uma sequencialidade e um processo de irradiação.

Nesse sentido, a sequencialidade é um processo de interação em que um determinado gênero do discurso se mobiliza com outros gêneros do discurso produzidos anterior e posteriormente, em uma determinada esfera ou lugar de atividade, para se instituir e se legitimar. Esse determinado gênero é tido como referência aos outros gêneros mobilizados e realiza um papel essencial nesse processo interativo entre gêneros.

De acordo com Maingueneau (2015), a sequencialidade não pode ser confundida como uma simples justaposição. Dessa maneira, o autor francês apresenta alguns exemplos: o relatório de defesa de tese no interior da prática universitária francesa; o pronunciamento de um chefe de Estado no interior do campo político; e a relação entre um filme e um artigo na imprensa no qual aborda impressões sobre a arte cinematográfica em questão.

Sendo assim, o relatório de defesa de tese, enquanto um gênero de discurso escrito, é inseparável da defesa de tese (um gênero oral anterior) e dos relatórios produzidos por comissões de seleção e de promoção (enquanto gêneros discursivos posteriores) nos quais o relatório de defesa de tese será utilizado. Maingueneau (2015), dando continuidade, afirma que aquele que produz um relatório de defesa de tese, por exemplo, levará em consideração, em sua redação/produção, tanto a defesa oral da tese que acontecera antes, guardada pela memória, quanto os gêneros de discurso posteriores que lhes são intrínsecos. Isso levaria, inclusive, o redator do relatório a atenuar suas críticas que apresentou no decorrer da defesa.

Outro exemplo mostrado por Maingueneau (2015) é o pronunciamento político de um chefe de Estado, o qual teria a seguinte sequencialidade, num sentido posterior a partir dele: o pronunciamento político propriamente - os despachos das agências de notícias - os artigos publicados nos variados jornais (impressos, televisivos, digitais). Nessa perspectiva, sabendo, de certa maneira, que seu pronunciamento político desencadeará uma sequencialidade de produções de gêneros discursivos, dentre eles os despachos de agências destinados às mídias e os textos de artigos, jornais, sites de informação oriundos desses mesmos despachos, o chefe de Estado e sua equipe que colaborou com a redação do pronunciamento escolherão com extremo cuidado e vigília as palavras e a linguagem a serem utilizadas.

Para Maingueneau (2015), há também, sobretudo, aqueles gêneros de discurso que servem como facilitadores da relação entre os elementos da sequência. Quer dizer, esses gêneros podem ser produzidos no intuito de orientar, como é o caso dos dossiês produzidos pelos serviços de comunicação do produtor de um determinado filme, os quais facilitariam o trabalho dos jornalistas. Dessa forma, ter-se-ia, assim, a seguinte sequencialidade: o filme propriamente - os dossiês (facilitadores) - os artigos da imprensa (facilitados pelos dossiês).

Em relação ao nosso *corpus*, a obra compilada das cartas completas trocadas entre Mário de Andrade e Carlos Drummond de Andrade, publicada pela Editora

Bem-Te-Vi (2002), é possível, também, estabelecer, a partir dela, uma sequencialidade em termos de valência genérica externa: ter-se-ia, assim, a obra compilada das cartas propriamente - as dissertações e teses produzidas a partir dela - os livros teóricos e de análises publicados a partir dela - os artigos que as abordam e as analisam - as resenhas da obra compilada em questão - dentre outros gêneros de discurso possíveis⁶.

Dessa maneira, há a possibilidade de afirmarmos que o ato de publicação desse compilado das cartas pela Editora Bem-Te-Vi (2002) supõe que esta obra poderá ser utilizada para fins acadêmicos, de ensino, de pesquisa e/ou um puro deleite dos leitores curiosos, dada a relevância literária e histórica de quem as escreveu. O que também supõe, por sua vez, a legitimação e a constituição da produção em rede (em sequencialidade) dos gêneros de discurso possíveis postos em relação já supracitados.

Poder-se-ia também, de uma certa forma, até mesmo pensar em uma sequencialidade a partir do núcleo da valência genérica interna dessas cartas (apresentada na seção anterior), quer dizer, a partir da troca factual, concreta, empírica e primeira entre Mário e Drummond que, nessas condições, seriam ainda correspondentes íntimos, particulares. Sendo assim, ter-se-ia: as cartas trocadas “originais” - estas mesmas cartas arquivadas em instituições de ensino de renome, como forma de conservação desse material encarado como um relevante arquivo para a História da Literatura Brasileira (como ocorreu no Instituto de Estudos Brasileiros da Universidade de São Paulo) - as obras compiladas dessas cartas (como a da própria Editora Bem-Te-Vi (2002) e a da Editora Companhia das Letras⁷, de 2015, por exemplo, que, à época, publicou apenas as cartas de Mário de Andrade) - a publicação dos livros teóricos, de análises e de apreciação dessas cartas - as dissertações, teses e artigos sobre essas cartas etc.

⁶ Fazendo uma breve pesquisa no Google Acadêmico, encontramos, apenas na primeira página do site, 4 artigos, 2 dissertações de mestrado e 1 livro que falam das cartas trocadas entre Mário de Andrade e Carlos Drummond de Andrade (Disponível em: https://scholar.google.com.br/scholar?hl=pt-BR&as_sdt=0%2C5&q=cartas+M%C3%A1rio+e+Drummond&btnG=. Acesso em: 03 nov. 2023).

⁷ É importante ressaltar que há outras editoras que já publicaram essas cartas, em tempos diversos. Utilizo esta, da Companhia das Letras, a título de exemplificação.

Pensar a sequencialidade das cartas trocadas entre os Andrades a partir de sua “origem”, não apenas a partir das obras compiladas das cartas pelas editoras, é possível, pois Mário de Andrade, nesse caso específico, tinha a pretensão de publicá-las, um dia, a partir de certas condições: somente após a morte de todos os envolvidos direta e indiretamente, sendo remetentes ou destinatários, e depois de passados cinquenta anos da morte de todos. Mário, ainda, legitimando essas publicações póstumas das cartas, afirma o seguinte em seu artigo “Fazer História” (1944, n. p.), publicado na *Folha da Manhã*: “Tudo será posto a lume um dia [...]. De imediato tanto a correspondência como jornais e demais documentos opinarão sobre como nós, mas provarão a verdade. Tudo será posto a lume um dia, por alguém que se disponha a fazer a História”.

Dessa forma, como vimos para o relatório de defesa de tese e para o pronunciamento político de um chefe de Estado, a redação/produção das cartas privadas feita pelos Andrades, desde sua “gênese”, nesse nosso recorte específico, já racionalizava, dada as devidas proporções, seu modo de dizer, escolhendo severamente as palavras e os temas a serem abordados. Os autores em questão sabiam, em certa proporção, aonde queriam chegar, pois, em um determinado momento da História, essas cartas estariam nas mãos do público, especializados em literatura brasileira ou não, no qual as mobilizariam de diversas formas, inclusive instaurando uma sequencialidade por meio de uma rede de gêneros de discurso.

Por essas razões, supõe-se que é possível também estabelecer uma relação entre a cena genérica, a valência genérica externa e a embreagem paratópica, pois o fato de haver uma rede de gêneros de discurso na qual faz parte as cartas privadas trocadas entre Mário e Drummond, sejam estas as “originais”; como arquivos de consulta; ou uma obra compilada, mas encaradas enquanto uma cena genérica em que é possível observar uma sequencialidade anterior e posterior de genericidade, faz com que, supostamente, essas cartas se tornem elementos essenciais de uma prática discursiva singular desses dois autores paratópicos em questão, fazendo, assim, embrear

paratopicamente suas condições instáveis enquanto identidades criadoras sobre seus posicionamentos modernistas no interior do campo literário brasileiro do início do século XX e da sociedade em que buscam, de modo impossível, seus lugares de constituição e legitimação.

Dominique Maingueneau (2015, p. 73), ainda explicitando sobre a valência genérica externa, afirma que há também uma forma diferente de abordar a sequencialidade, qual seja: atentar ao processo de irradiação de um gênero de discurso. Em outras palavras: o processo de irradiação seria “o poder que um gênero tem de fazer com que se fale dele em outros gêneros, além de nutrir conversas de parcelas mais ou menos vastas da população”.

Um exemplo apresentado pelo autor francês são os filmes que, quando recém lançados, são quase automaticamente alvos de críticas de jornais e revistas especializados. Além disso, no entanto, esses mesmos filmes podem ser assuntos de conversas despreziosas entre duas ou mais pessoas não necessariamente especializadas no assunto, as quais demandam a seus interlocutores o que acharam do filme ou anunciam simplesmente que irão assisti-lo. Por outro ângulo, Maingueneau (2015) faz uma ressalva em relação aos curtas-metragens, afirmando ser casos particulares de crítica, pois são reservados a eles gêneros de discurso específicos da imprensa especializada na categoria, não cabendo meras conversas ou opiniões despreziosas da população em geral⁸.

Retomando o sermão, Maingueneau (2015, p.74) afirma, apresentando, assim, outro exemplo, que esse gênero de discurso quando do século XVII era deveras irradiador, pois era “anunciado e comentado nas gazetas e constituía um tema privilegiado das conversas”. Ao passo que na França do século XXI, o sermão não é mais irradiador, pois “não é mais comentado na imprensa, salvo em meios mais

⁸ Não entraremos no mérito, aqui, da razão pela qual Maingueneau (2015) distingue, em termos de crítica essencialmente especializada ou não, o filme de um curta-metragem, pois não é o foco de nossa pesquisa.

restritos”. Esse dado é interessante, pois revela, de certa maneira, que são as condições sócio-históricas de produção de um determinado gênero de discurso que estabelecerá seu processo de irradiação no interior de uma sequencialidade genérica.

Lançando olhar ao nosso *corpus*, é possível perceber o processo de irradiação da obra compilada das cartas trocadas entre Mário e Drummond publicada pela Editora Bem-Te-Vi (2002). Quer dizer, tal obra tem o poder de fazer com que outros gêneros do discurso falem dela. Dessa forma, sendo uma variante possível do processo de sequencialidade, o processo de irradiação do compilado das cartas em questão também pode ser evidenciado por meio dos gêneros de discurso já destacados anteriormente: teses, dissertações, livros, artigos etc.

Para exemplificar de forma mais concreta, apresentamos a seguir três gêneros de discurso que falam e que mobilizam a obra compilada das cartas dos Andrades: um Trabalho de Conclusão de Curso (TCC); uma Dissertação de Mestrado; e uma Tese de Doutorado. Desta feita, por conseguinte, temos: i) O TCC intitulado “Carlos & Mário - análise do nacionalismo nas correspondências de Carlos Drummond de Andrade e Mário de Andrade”, de Igor Pavan Tres, apresentado ao Curso de Licenciatura em História da Universidade Federal da Fronteira Sul, campus Chapecó, em 2020; ii) a Dissertação intitulada ““De mim não desespere nunca” - A memória do modernismo nas cartas de Mário, Bandeira e Drummond, de Paulo Henrique Araújo”, apresentado ao Programa de Pós-Graduação em Letras do Instituto de Ciências Humanas e Sociais da Universidade Federal de Ouro Preto, em 2013; e iii) a Tese intitulada “Carlos e Mário: análise das correspondências sob a perspectiva do público e do privado, de Maria do Carmo de Oliveira Moreira dos Santos”, apresentado ao Programa de Pós-graduação em Letras da Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais, em 2015.

Poder-se-ia afirmar que este presente artigo também está sendo produzido para falar da obra compilada das cartas trocadas entre os Andrades, o que reforçaria a argumentação de que esse compilado de cartas provoca um processo de irradiação em outros gêneros, fazendo com que estes gêneros falem dessas cartas,

independentemente do recorte analítico, da pesquisa e da área de conhecimento em que esteja mobilizado.

Nesse sentido, sendo o processo de irradiação uma variação do processo de sequencialidade, e ambos terem seu funcionamento identificável na obra compilada das cartas privadas trocadas entre Mário e Drummond, como mostramos nos parágrafos anteriores, podemos, ainda, manter a sustentação de que há uma inter-relação entre a valência genérica externa, a cena genérica e a embreagem paratópica, pois o compilado dessas cartas, enquanto uma cena genérica (um gênero de discurso), a partir de sua valência genérica externa, funciona como um elemento importante capaz de embrear paratopicamente os autores Mário de Andrade e Carlos Drummond de Andrade (enquanto identidades criadoras singulares) sobre suas práticas discursivas específicas ao buscar legitimar e constituir, com essa inter-relação, suas produções literárias (espaço canônico) e não literárias (espaço associado) e seus posicionamentos modernistas específicos no interior do campo literário brasileiro do início do século XX.

5 Gênero de discurso *versus* gênero textual

Por fim, Maingueneau (2015, p.74) ainda apresenta uma diferença entre gênero de discurso e gênero textual para encerrar a configuração da valência genérica externa de uma cena genérica: “Enquanto um gênero de discurso é uma atividade comunicacional autônoma, um ‘gênero textual’ é um componente de um gênero de discurso”. Em outras palavras, para o autor, o gênero textual não é um gênero autônomo, mas sim um gênero que foi incluído em um outro gênero hierarquicamente superior, dadas as condições sócio-históricas específicas de produção e de relação desses textos, em que o gênero textual passa a se relacionar de forma complementar com outros gêneros discursivos.

Dessa maneira, para exemplificar, Maingueneau (2015) retoma o relatório de defesa de tese. Segundo o autor francês, quando o relatório de defesa de tese se insere

em outro gênero de discurso, como no dossiê de candidatura para a obtenção de uma bolsa ou um cargo, por exemplo, esse relatório não funciona mais como um gênero de discurso autônomo, como era antes, em outras circunstâncias, ele se porta, nesse momento, como um gênero textual incluído no gênero de discurso dossiê de candidatura. A partir desse momento, o relatório de defesa de tese entra numa relação de complementaridade com outros gêneros textuais hierarquizados pelo gênero de discurso de nível superior em questão (o dossiê de candidatura), tais como: *curriculum vitae*, memorial descritivo de trajetória acadêmica, cartas de recomendação etc.

No entanto, há também, segundo Dominique Maingueneau (2015), aqueles gêneros naturalmente textuais, como os gêneros da imprensa, os quais sempre estão incluídos em um jornal: o editorial, a notícia, a previsão meteorológica, o horóscopo etc. Desta feita, em relação ao nosso *corpus* de análise, podemos apresentar, dentre tantas, uma notícia de 21 de janeiro de 2003, redigida por Beatriz Coelho Silva, no editorial online “Folha 2”, do jornal *Folha de Londrina*, intitulada “As cartas de Carlos e Mário”. Nesta notícia, Silva (2003) redige, dentre outras coisas, o seguinte:

As 161 cartas que o poeta Carlos Drummond de Andrade e o escritor Mário de Andrade trocaram ao longo de 20 anos estão no livro ‘Carlos & Mário’, que será lançado hoje na Casa de Ruy Barbosa, no Rio, pela Editora Bem-Te-Vi, recém-criada para reavivar a memória brasileira e que, no mês passado, reeditou o “Arquivinho de Vinícius de Moraes”. A correspondência de Mário não é inédita, o próprio Drummond a editou em 1982, com notas e comentários, mas o que o poeta escreveu só vem a público agora e revela o carinho e a admiração entre duas pessoas fundamentais à nossa cultura, embora contraditórias e contrárias em muitos pontos (Silva, 2003, s.p.).

Quer dizer, essa notícia, enquanto um gênero textual, foi produzida para falar da obra compilada das cartas trocadas entre os Andrades (um gênero de discurso). Sendo assim, tentando avançar um pouco a teoria sobre valência genérica, especificamente a noção de valência genérica externa, parece ser possível afirmar que os gêneros de discurso também mobilizam um processo de irradiação e,

consequentemente, de sequencialidade de gêneros textuais, não sendo um fator exclusivo de gêneros de discurso para gêneros de discurso, pois o jornal em si, enquanto uma cena genérica, não falou necessária e exclusivamente da obra compilada das cartas: a notícia em questão foi apenas um gênero textual, dentre vários outros gêneros textuais típicos do jornal, incluído neste e produzido para falar do compilado das cartas de Mário e Drummond.

Dessa forma, poderíamos propor, em termos hipotéticos, que a valência genérica externa seria não só uma rede de gêneros de discurso, mas também uma possibilidade de redes de gêneros textuais nas quais faz parte um gênero de discurso em uma determinada esfera de atividade. Ou seja, não será sempre qualquer gênero textual que estará incluído em qualquer gênero de discurso, é preciso haver uma constituição e uma legitimação específica a partir das condições sócio-históricas de produção dos gêneros de discurso, para que eles, os gêneros textuais, emerjam.

Outros dados que podem corroborar com essa nova hipótese são os resumos do TCC, da dissertação e da tese que falam do compilado das cartas trocadas entre os Andrades, já mencionados anteriormente. Considerando, assim, o TCC, a dissertação e a tese enquanto gêneros de discurso (enquanto cena genérica), os resumos pertencentes a eles funcionariam como gêneros textuais, por estarem incluídos a gêneros de discurso hierarquicamente superiores. Logo, percebemos, uma vez mais, de certa forma, que gêneros textuais podem ser produzidos para falar de gêneros de discurso específicos, até mesmo estabelecendo uma complementaridade para além de seus gêneros de discurso de origem.

Para exemplificar, apresentamos, a seguir, respectivamente, os resumos do TCC, da dissertação e da tese supramencionados:

Na presente monografia analisa-se as correspondências trocadas por Carlos Drummond de Andrade e Mário de Andrade, no período que vai de 1924 até 1945. A pesquisa tem por foco de investigação o conteúdo epistolar que contém o debate entre os dois intelectuais brasileiros sobre o nacionalismo. Para isso, a fonte da pesquisa são as

cartas transcritas e compiladas no livro *Carlos & Mário* (2002), organizado por Lélia Coelho Frota. Buscamos em nossa análise identificar essas discussões entre as cento e sessenta e uma correspondências, problematizando o papel que elas tiveram na engrenagem epistolar e como os “curtos-circuitos” foram fundamentais no estabelecimento da troca de missivas entre Carlos e Mário (Tres, 2020, p. 8).

Considerando basicamente as discussões relativas ao processo de gênese literária no decurso da correspondência entre Carlos Drummond e Mário de Andrade, bem como das cartas entre o escritor paulistano e Manuel Bandeira, pretendemos analisar alguns poemas integrantes de duas obras do Modernismo brasileiro: *Alguma Poesia* (1930) e *Libertinagem* (1930). Utilizando os pressupostos teóricos da Crítica Genética, identificaremos, nos textos analisados, indícios de refações, a partir de supressões, rasuras e propostas de reelaboração, apontadas entre os três missivistas, considerando o recorte temporal compreendido entre a Semana de Arte Moderna de 1922 e o início de 1945, ano em que a correspondência é interrompida pela morte prematura de Mário de Andrade. Organizando um estudo sistemático das cartas, apresentaremos, ainda no contexto da historiografia do Modernismo brasileiro, a importância de vetores como o engajamento social do artista na abordagem dos problemas enfrentados pela nação, a legitimação de uma língua nacional e seu consequente afastamento do legado lusitano como questões centrais dos debates sobre o nacionalismo literário, além da valorização da memória e da cultura brasileira, frequentemente apontada como primitiva e primitivista no início do século XX (Araújo, 2013, p. 5).

Esta tese desenvolve uma análise das correspondências trocadas entre os poetas/escritores/intelectuais Carlos Drummond de Andrade e Mário de Andrade sob a perspectiva do público e do privado, à luz dos conceitos de Jürgen Habermas e Hannah Arendt. Para isso discute questões pertinentes ao texto carta, no que se refere à complexidade desse gênero discursivo em seus desdobramentos social, histórico, político, cultural e literário. Essas questões apontam elementos importantes que compõem a cena enunciativa das cartas em seu movimento ideológico e estético, sempre entre o público e o privado, o nacional e o universal. Analisou-se, também, a participação intelectual dos poetas no contexto de modernização da sociedade brasileira, enfatizando as ambiguidades e contradições. As cartas, publicadas pela Editora Bem-te-vi (2002), permitirão, pois, a configuração desses agentes no cenário cultural da sociedade de seu tempo, no desempenho de suas múltiplas funções, tais como:

escritores, intelectuais, críticos, funcionários públicos (Santos, 2015, p. 7).

Para além das notícias, resumos, horóscopo etc., Maingueneau (2015, p.74) também afirma que o prefácio e o posfácio, por exemplo, também são gêneros textuais, pois “são submetidos a um regime enunciativo específico (o prefácio de um romance é atribuído ao ‘autor’ e não faz parte, em princípio, do texto de ficção)”. Nesse sentido, no interior da própria obra compilada das cartas trocadas entre Mário e Drummond, publicado pela Editora Bem-Te-Vi (2002), encontramos dois gêneros textuais que estão incluídos na obra para falar dessas próprias cartas compiladas: temos um prefácio de Silviano Santiago e uma apresentação das cartas do próprio Carlos Drummond de Andrade. Eis um trecho desses gêneros textuais, respectivamente:

Esta introdução à leitura delas não deve ser tomada ao pé da letra. Eu as fiz estrategicamente minhas, para que você leitor, não se amedrontasse ao querer fazê-las suas. Pela edição em livro todos temos direito sobre elas. Cumpra a você julgar esta introdução como um passo firme e oscilante, precário, de alguém que teve a sorte de ser o primeiro estranho a aventurar-se pela caverna da correspondência privada (Andrade, 2002, p. 33).

A publicação da correspondência de Mário de Andrade envolve dois problemas, um de natureza ética, outro meramente técnico. O primeiro, já resolvido na prática, envolve aparente desrespeito à vontade expressa do escritor, a quem repugnava a divulgação de cartas escritas no abandono da confiança ou mesmo para simples tratamento de assuntos imediatos. (...) É hoje ponto tranquilo que o pai de Macunaíma não deveria mesmo ser obedecido nessa proibição rigorosa. A obediência implicaria sonegação de documentos de inegável significação para a história literária do Brasil (Andrade, 2002, p. 36).

Em outras palavras, uma notícia sobre o compilado das cartas somente será produzida dadas as condições sócio-históricas de produção do jornal em que ela esteja incluída; os resumos de um TCC, de uma dissertação de mestrado e de uma tese de doutorado que falam do compilado dessas mesmas cartas somente serão produzidos

dadas as condições sócio-históricas de produção dos gêneros de discurso em que estejam incluídos; um prefácio e uma apresentação que falam do compilado dessas cartas em questão somente serão produzidos dadas as condições sócio-históricas de produção do gênero em que estejam incluídos (no caso, a própria obra compilada das cartas trocadas entre Mário e Drummond publicada pela Editora Bem-Te-Vi (2002)).

Buscando aprofundar ainda mais nossas reflexões, além dos gêneros de discurso e dos gêneros textuais apresentados, observamos a presença dos elementos paratextuais presentes no compilado das cartas dos Andrades, os quais também o legitimam e o constituem, por também não terem sido produzidos aleatoriamente, sendo resultados das condições sócio-históricas de produção da obra da Editora Bem-Te-Vi (2002) em questão. Sendo assim, temos: i) as Notas de Rodapé explicativas da transcrição das cartas de Drummond; ii) os Apêndices; iii) a Bibliografia Geral; iv) o Material Iconográfico; v) o Índice Onomástico; vi) a capa; vii) a representação imagética de uma das cartas manuscritas; viii) os dados editoriais da obra compilada das cartas dos Andrades; ix) o Sumário da obra compilada das cartas dos Andrades; e x) algumas imagens que compõem a obra compilada das cartas dos Andrades (fotos antigas dos autores, de locais específicos, de cidades, de momentos etc.).

Enfim, é possível afirmar, dada as devidas ressalvas (caso surjam), que os gêneros de discurso, os gêneros textuais e os elementos paratextuais que estão, de certa forma, falando das cartas dos Andrades, sobretudo através da obra compilada pela Editora Bem-Te-Vi (2002), legitimam e constituem a produção do próprio compilado dessas cartas que, por sua vez, também legitima e constitui as produções dos gêneros discursivos e textuais e os elementos paratextuais em questão, fazendo, assim, embrear paratopicamente obras e autores (sempre paratópicos) sobre posicionamentos e práticas discursivas específicas.

6 Considerações finais

O objetivo dessa pesquisa foi analisar a coletânea das cartas completas trocadas entre Mário de Andrade e Carlos Drummond de Andrade, publicada pela Editora Bem-Te-Vi (2002), para verificar os modos pelos quais sobrevém o imbricamento e a inter-relação entre a valência genérica (interna e externa), a cena genérica e a embreagem paratópica.

Diante disso, a hipótese levantada aqui foi de que há uma inter-relação entre a valência genérica, a cena genérica e a embreagem paratópica, de modo que pode levar a confirmação, caso seja possível sustentar essa hipótese, da efetividade da nossa postulação anterior de que a cena genérica funciona também como um embreante paratópico (Veronez, 2022), podendo, assim, se juntar ao grupo de embreantes paratópicos típicos propostos por Maingueneau (2012): a cenografia, o *ethos* e o posicionamento na interlíngua.

Em relação ao nosso *corpus* de análise, consideramos, para essa pesquisa, a coletânea de cartas dos Andrades, Mário e Drummond, publicada pela Editora Bem-Te-Vi (2002), como sendo um avatar possível que compõe o quadro de uma valência genérica interna e externa específica.

Desse modo, após a apresentação da teorização e das análises, é possível afirmar, enquanto resultado dessa pesquisa, que a obra compilada das cartas trocadas entre Mário e Drummond (uma cena genérica), por meio de suas valências genéricas interna e externa, embrea paratopicamente as condições paratópicas de autor/produtor/escritor dos Andrades sobre suas práticas discursivas específicas de troca de cartas. Paradoxalmente, a obra compilada em questão e suas valências genéricas também embream paratopicamente as práticas discursivas específicas da troca de cartas dos Andrades sobre suas próprias condições de serem considerados identidades criadoras consagradas do campo literário brasileiro do início do século XX, num exercício de legitimação e constituição. Sendo assim, é possível também afirmar que a hipótese da presente pesquisa pode ser sustentada.

Desta feita, a partir desses resultados, há a possibilidade de continuarmos sustentando a efetividade da nossa postulação (Veronez, 2022), já referida, de que a cena genérica funciona também como um embreante paratópico, como a cenografia, o *ethos* e o posicionamento na interlíngua (cf. Maingueneau, 2012).

É importante registrar que, no momento de realização da pesquisa, percebemos que é tênue, em certa medida, a diferença entre o que seja um avatar possível da valência genérica interna de um gênero de discurso e o que seja uma valência genérica externa.

Ademais, após os resultados apresentados dessa pesquisa, nos surgiu uma outra hipótese de que a valência genérica externa de um gênero de discurso seria não só uma rede de gêneros de discurso, mas também uma possibilidade de redes de gêneros textuais nas quais faz parte um gênero de discurso específico em uma determinada esfera ou lugar de atividade.

Portanto, conclui-se duas coisas: i) é preciso desenvolver mais pesquisas para verificar se, de fato, essa nova hipótese (após os resultados) é pertinente; e ii) em consideração à nossa primeira hipótese, apesar de já ter algumas pesquisas e resultados que a corroboram (Veronez, 2022), é necessário mais verificações para confirmar, ainda mais (ou não), a sua relevância e regularidade para os estudos e pesquisas em Análise do Discurso, sobretudo para o quadro teórico-metodológico de Dominique Maingueneau para uma Análise do Discurso Literário (2012).

Referências

ANDRADE, C. D. de.; ANDRADE, M. de. **Carlos e Mário**: correspondência entre Carlos Drummond de Andrade e Mário de Andrade: 1924-1945. FROTA, L. C. (org.). Rio de Janeiro: Bem-Te-Vi Produções Literárias, 2002.

ANDRADE, M. de. Fazer História. *In*: **Folha da Manhã**. Arquivo Mário de Andrade, Série Recortes de Jornais IEB-USP. São Paulo, 24 de agosto de 1944.

ANDRADE, M. de, 1893-1945. **A lição do amigo**: cartas de Mário de Andrade a Carlos Drummond de Andrade, anotadas pelo destinatário / posfácio André Botelho. 1. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2015.

ARAÚJO, P. H. **“De mim não desespere nunca”**: a memória do modernismo nas cartas de Mário, Bandeira e Drummond. 2013. 223 f. Dissertação (Mestrado em Letras) – Universidade Federal de Ouro Preto, Mariana, Minas Gerais, 2013.

MAINGUENEAU, D. **Doze conceitos em Análise do Discurso**. POSSENTI, S.; PEREZ, M. C. de S. (org.). Tradução de Adail Sobral [et al.]. São Paulo: Parábola Editorial, 2010.

MAINGUENEAU, D. **Discurso literário**. Tradução de Adail Sobral. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2012.

MAINGUENEAU, D. **Discurso e análise do discurso**. Tradução de Sírio Possenti. 1. ed. São Paulo: Parábola Editorial, 2015.

SANTOS, M. do C. de O. M. dos. **Carlos e Mário**: análise das correspondências sob a perspectiva do público e do privado. 2015. 205 f. Tese (Doutorado em Letras) - Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais, Belo Horizonte, Minas Gerais, 2015.

SILVA, B. C. As cartas de Carlos e Mário. **Folha de Londrina**, Folha 2, Londrina, s/p, 21 jan. 2003. Disponível em: <https://www.folhadelondrina.com.br/folha-2/as-cartas-de-carlos-e-mario-431816.html?d=1>.

TRES, I. P. **Carlos e Mário**: Análise do nacionalismo nas correspondências de Carlos Drummond de Andrade e Mário de Andrade. 2020. 59 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Curso de Licenciatura em História) - Universidade Federal da Fronteira Sul, Chapecó, Santa Catarina, 2020.

VERONEZ, M. **Uma abordagem da cena genérica como embreante paratópico**: em pauta as cartas privadas de Mário, Drummond, Freud, Sêneca e John Wesley. 1. ed. Campinas, SP: Editora da Abralín, 2022. DOI <https://doi.org/10.25189/9788568990254>